

DEPUTADAS

C. III, 54

Raul Pilla

A eleição da senhora Ivete Vargas para a Câmara dos Deputados criou, entre nós, um problema linguístico, embora não seja ela a primeira mulher a exercer mandato legislativo neste país. Criou, digo mal, pois o problema não existe, senão na cabeça de alguns cronistas políticos. A deputação tem sido até agora, função quase exclusivamente exercida por homens. São os deputados. Por isto, quando se elegeu a primeira mulher, surgiu naturalmente a questão de saber como se deveria ela denominar. E, em cada país, a questão foi resolvida de acordo com o gênio da língua.

Em nosso idioma, não chegaria propriamente a haver questão. Se uma pessoa do sexo masculino, que toma assento no Palácio Tiradentes, diz-se deputado, deputada terá de chamar-se a pessoa do sexo feminino em situação idêntica. Assim para não sair do mesmo partido: deputado Danton Coelho, deputada Ivete Vargas, senadora Ivete Vargas (se a simpática deputada for promovida à Câmara Alta). Deputado Ivete, a deputado Ivete, como já tenho lido, é que a meu ver não se justifica.

Objetar-se-á que o cargo, até há pouco, somente era exercido por homens. Por isto, há deputados, não deputadas. Não é razão bastante. Passando o mandato a ser exercido também pela mulher, modificou-se com isto, não somente a situação política, mas também o aspecto linguístico. Só havia deputados, quando a função cabia exclusivamente aos homens e se considerava inelegível a mulher, passando esta, porém, a ser eleita, começou a haver necessariamente deputadas, senadoras, vereadoras, do mesmo modo que já havia médicas, advogadas, professoras, etc.

Casos existem, é verdade, em que a mesma palavra, sem variações, se aplica aos dois sexos e se inclui nos dois gêneros: o consorte, a consorte; o cúmplice, a cúmplice; o cônjuge, a cônjuge; o mártir a mártir. São os nomes comuns de dois. Certos substantivos se registram que, designando animal, tem uma só forma e um só gênero para ambos os sexos. São os epicenos: a cobra, o jacaré, o javali. Querendo-se distinguir o sexo, mister se faz recorrer a uma expressão ampliada: a fêmea do jacaré, a cobra macho.

Qual é, porém, a razão do fenômeno? Por que existem nomes comuns de dois e substantivos epicenos? Por não ter ou não comportar o nome outra forma. Só havendo ou podendo haver uma forma, mister se faz que ela se aplique a ambos os sexos.

Este não é, entretanto, o caso da palavra deputado, participio passivo do verbo deputar, que tem em português formas distintas para os dois gêneros, como as tinha, em latim, para os três. Vem a faltar, na hipótese, a condição necessária para que a palavra se possa considerar comum de dois ou epicena. Trata-se de vocábulo tipicamente biforme, do qual sempre se usou o feminino, quando mero adjetivo.

Defenda, pois a gentil deputada Ivete Vargas os foros do seu sexo e não permita confusão de mau gosto. Deputada é que é; deputados são os do sexo oposto, considerado forte.